

Prática Educativa Musical: um relato acerca da experiência com alunos do 9º ano do ensino fundamental público pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)

José de Souza Costa

luciancosta51@yahoo.com.br

Alex Reis

Alexrd15@hotmail.com

Nandara Ribeiro Nascimento

nandarakyany@yahoo.com.br

Universidade do Estado do Pará

Resumo: Este artigo se situa no eixo da “Educação Musical em contextos formais de ensino”, na abrangência do “Ensino e aprendizagem de música nas escolas de educação básica”. Consiste em relato acerca de experiência com alunos do 9º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto Montenegro, na cidade de Belém-PA, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Analisamos o processo de aprendizagem musical dos alunos a partir de uma aula sobre ritmo. Aplicamos uma atividade na qual os alunos escolheram seu próprio repertório no gênero preferido por eles. Por meio de uma votação em sala, foram estabelecidas as músicas que posteriormente serviriam para uma possível apresentação da escola. Para a realização dessa ideia, houve os períodos organizados para o ensaio (estudo das letras e harmonia das músicas), preparação vocal, prática em grupo e a aplicação dos conhecimentos musicais trabalhados na disciplina Arte em sala, na execução musical. A execução musical culminou em uma socialização com apresentação na escola envolvendo alunos, bolsistas do PIBID e professora-supervisora responsável, no evento denominado “Pacto pela Educação”. Os resultados alcançados foram os seguintes: assimilação dos parâmetros sonoros apresentados em sala de aula e demonstrados na sua prática por meio do canto, desenvolvimento vocal e socialização propiciada pelo trabalho coletivo, entre outros aspectos.

Palavras chave: Prática educativa musical. Canto Coral. PIBID.

1. Introdução

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto Montenegro está localizada no bairro do Telégrafo, em Belém do Pará. A instituição atende aos alunos do

bairro onde se localiza e dos bairros vizinhos, e também moradores da Vila da Barca¹. A escola apresenta em sua estrutura três prédios distribuídos da seguinte forma: no meio fica a estrutura em que funciona a administração da escola e nas laterais do terreno observamos os prédios de dois andares onde se localizam as salas de aula.

A escola apresenta problema de evasão escolar. Muitos alunos matriculam-se, porém, no decorrer do semestre, muitos deixam de frequentar a escola. Pela manhã, as aulas começam às 7h30 e terminam às 12h. Às 9h45, há um intervalo. É comum durante a semana os estudantes deixarem a escola depois do intervalo entre as aulas. Muitas turmas são liberadas antes dos últimos horários de aula, ou os alunos deixam a escola sem permissão.

Nossa inserção nesse estabelecimento escolar se deu como estudantes do curso de Licenciatura em Música da Universidade do Estado do Pará, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto “Música na Escola de Educação Básica”, que compõe o Projeto Institucional “Universidade e Escola: desafios e caminhos para a form (ação) de professores no contexto amazônico”, daquela IES.

Durante as aulas de música ministradas pela professora de Arte, notamos que nas atividades práticas há um interesse dos alunos em desenvolver os exercícios. Porém, quando se trata de conteúdos passados na forma de textos ou atividades escritas, eles só se interessam se houver pontuação avaliativa. No conteúdo música, não há uma prova escrita para avaliar o desempenho dos estudantes. São feitas várias atividades práticas e escritas, que somam pontos para a nota final dos alunos, a cada bimestre letivo.

Este artigo busca descrever uma dessas atividades ministradas em sala de aula com os alunos do 9º ano. Essas atividades se constituíram um conjunto de iniciativas visando à formação de um coral, para que, através dele, fosse possível trabalhar, na prática, os parâmetros do som.

Relatar atividades desenvolvidas em sala de aula na área musical é importante para a formação do professor de música, visto que através dessa perspectiva é possível repensar a prática docente. Como efeito, as dificuldades encontradas em uma atividade podem auxiliar na resolução de problemas de outras práticas na música.

¹ É uma comunidade de famílias de baixa escolaridade e renda familiar de no máximo três salários mínimos, que moravam em casas de madeira (palafitas) sobre o rio Guamá. A área foi contemplada com a construção de prédios populares a partir de uma parceria da prefeitura de Belém com o governo federal através do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento).

Sobre o canto coral do 9º ano da Escola Augusto Montenegro, não consideramos com rigor a afinação, a performance e as técnicas empregadas para coro. Deixamos essas questões fluírem com o pouco que os alunos adquiriram durante sua vivência. No entanto, elas continuam sendo trabalhadas no decorrer do semestre.

2. Laboratório das atividades: PIBID

Montandon (2012, p.51), conceitua o PIBID como:

um programa de concessão de bolsas de iniciação à docência, envolvendo três grupos de participantes: licenciandos, professores universitários (coordenadores dos subprojetos) e professores de escola pública (supervisores), além do coordenador geral ou coordenador institucional. A participação no Edital é por meio da apresentação de projeto institucional, combinados com projetos das unidades, denominados de subprojetos. O coordenador institucional é responsável pelo projeto como um todo, com a colaboração dos coordenadores de cada subprojeto, que serão também os orientadores dos licenciandos e responsáveis pela condução de sua proposta, incluindo as relações com os supervisores das escolas participantes.

Montandon (2012) explica que o objetivo do PIBID é inserir estudantes de cursos de licenciatura plena em atividades pedagógicas em escolas públicas do ensino básico, aprimorando sua formação e contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino nessas escolas, por meio de metodologias inovadoras. Nesse sentido, a ideia é tratar de forma criativa e integrada os problemas da educação em seus diferentes níveis – escola básica e formação de professores – em uma relação direta entre prática e teoria e com o envolvimento de todos os atores relacionados ao processo.

A partir desse contexto escolar de contato com o alunado, é possível ao futuro docente perceber as práticas aplicadas pelo professor responsável pela sala, para ter um ponto de partida referente às ferramentas que poderão ser utilizadas por ele em suas aulas, no futuro.

2.1 Preparação da atividade e suas etapas

A iniciativa da presente atividade partiu de uma aula sobre “ritmo” ministrado por aluno bolsista em uma turma de 9º ano que conceituou o assunto e deu exemplos de diversas músicas com ritmos diferenciados. A partir do estudo do assunto citado anteriormente, a

turma passou a compreender as diversas formas de interpretar a velocidade de uma música assim como do conceito de “andamento”.

Aplicando como recurso músicas do celular, a professora de Arte pediu a uma aluna que, dentro de sala, apresentasse dois gêneros de músicas do seu cotidiano utilizando o seu dispositivo para que a turma apreciasse as diferenças no que diz respeito à velocidade (“andamento”) das duas músicas.

Bozzetto (2009, p. 59) aborda o uso de celular como recurso sonoro e diz que:

Desde o final da década de 90, tornou-se trivial ouvir sons de celular por todas as partes. Eles passaram a ocupar o cenário urbano a qualquer hora, chamando por alguém: da sala de cinema e de concertos aos parques, ônibus, ruas, reuniões, shoppings e tantos outros espaços públicos ou privados.

A autora ressalta que, inicialmente, o celular foi desenvolvido para ser só um telefone móvel e proporcionar a comunicação entre pessoas de qualquer lugar. Hoje, ele é apontado como um ícone da convergência digital.

Bozzetto (2009, p. 64) relata sobre sua pesquisa envolvendo este dispositivo que:

O material analisado mostra o público jovem como um dos maiores consumidores de celulares. Para os jovens, o aparelho celular tornou-se muito mais que um telefone, virando um item definidor de sua personalidade e do grupo social ao qual pertencem.

Como atividade avaliativa da disciplina, propusemos aos alunos que se dividissem em grupos e que cada grupo escolhesse duas músicas com ritmos diferentes, totalizando quatro músicas na sala em geral por serem apenas dois grupos.

Após as escolhas pelos grupos, houve uma votação em sala por apenas duas músicas para serem executadas. Feito isso, os alunos receberam como tarefa, para cumprir em casa, pesquisar o áudio e a letra das músicas selecionadas, para na próxima aula de Arte poderem começar os ensaios a partir do repertório por eles próprios escolhido. As músicas escolhidas foram as seguintes: “Domingo de manhã” (sertanejo) de Marcos e Belutti e “Eu te esperarei” (forró) de Simone e Simaria - As Coleguinhas.

As aulas na turma do 9º ano passaram a ser mais participativas a partir do momento em que os bolsistas e a professora de Arte não estabeleceram o repertório para a classe, mas ao contrário, democraticamente deram espaço para a manifestação do gosto musical dos alunos, a partir dos áudios nos seus celulares, prevalecendo a escolhas deles. Com esse

material, puderam ser desenvolvidas atividades como o canto, prática em grupo e a socialização de alunos, professora e bolsistas.

A presente atividade foi desenvolvida em cinco etapas.

A primeira etapa envolveu a escolha das músicas, os ensaios, a produção e o estudo no sobre o assunto “ritmo”.

Na segunda etapa, os alunos trouxeram as letras das músicas e o áudio para que a professora e os bolsistas aprendessem a executar com voz e acompanhamento de violão. Nesta etapa, a aula iniciou com um aquecimento vocal. Em seguida, uma bolsista explicou sobre os cuidados com a voz ao falar e ao cantar; que, segundo Bressan (1989), para o bom desempenho da prática e da exercitação do canto, exige-se que as melodias, as palavras, a linguagem usadas sejam o quanto possível da “experiência” do aluno pelo menos até um determinado estágio da iniciação musical.

Houve a explicação sobre respiração, e em um determinado momento da aula uma bolsista pediu a um aluno que colocasse a mão sobre a sua barriga para ele perceber como funcionava o diafragma no momento da inspiração e da expiração.

FIGURA 1 – Exercício de respiração.



Fonte: Acervo dos autores.

FIGURA 2 – Exercício de respiração.



Fonte: Acervo dos autores.

Durante os exercícios de aquecimento vocal, a bolsista aproveitou o momento para falar sobre a duração do som longo e curto. Os vocalizes feitos em sala contaram com o apoio de um violão para apoiar a linha melódica. Esta etapa de exercício de percepção corporal (dos movimentos da respiração), de emissão (vocalize) e percepção auditiva (dos sons longos e curtos do vocalize), remete-nos ao compositor e educador musical canadense Murray Schafer (1933) que, segundo Fonterrada (2008, p. 193),

acredita mais na qualidade da audição, na relação equilibrada entre homem e ambiente, e no estímulo à capacidade criativa do que em teorias da aprendizagem musical e métodos pedagógicos.

Ainda na segunda etapa, ao final de todos os exercícios e aquecimento com a voz, iniciamos o estudo daquelas músicas escolhidas pelos alunos. O ensaio seguiu-se da seguinte forma: estudo da letra por partes sendo em seguida inserida a harmonia com o acompanhamento do violão.

FIGURA 3 – Ensaio com violão.



Fonte: Acervo dos autores.

Na terceira etapa do percurso desta atividade, houve novamente o aquecimento vocal envolvendo a percepção, além da duração, dos conteúdos musicais da intensidade e da altura dos sons; ou seja, uma atividade que aplicava conteúdos na prática musical coletiva dos alunos.

Sobre a prática coletiva, Cruvinel (2008), referindo-se ao ensino de instrumentos musicais, salienta que se trata de uma importante ferramenta para o processo de socialização da educação musical, democratizando o acesso do cidadão a essa formação. Sendo a prática coletiva de instrumentos musicais, segundo essa autora, um ponto de partida favorável, pensamos que o mesmo se aplica ao canto coral.

Ainda na terceira etapa, durante o aquecimento vocal, trabalhamos o corpo com alongamento e explicamos a importância desse processo antes de executar qualquer atividade. Além do cuidado com o corpo, falamos sobre a performance no palco, no que diz respeito ao comportamento aliado à postura e “relaxamento” do corpo no momento de uma apresentação.

A respeito da familiaridade dos alunos com as músicas escolhidas por eles, percebemos como efeito uma melhor assimilação na aprendizagem. Em Bressan (1989, p. 37), verificamos que

Nosso aluno de modo geral, traz uma bagagem musical reunida nessa aprendizagem assistemática da casa, da televisão; e, se dermos corda, ele canta, as classes todas cantam.

Quanto aos alunos que demonstravam menor interesse dentro de sala, percebemos que eles interagem mais quando o bolsista mostrava interesse pessoal em relação a alguns deles.

Na quarta etapa, houve o último ensaio de repertório um dia antes da apresentação, quando os alunos aplicaram tudo o que lhes foi ensinado ao longo dos dias anteriores. Fizeram a revisão das letras e harmonia da música com o acompanhamento do violão, além de relembrem as características do som. Constatamos que os ensaios se tornaram produtivos a partir do momento em que houve uma ligação do assunto abordado em sala com a prática musical desenvolvida.

FIGURA 4 – Ensaio com violão.



Fonte: Acervo dos autores.

Apresentamos a seguir, a quinta etapa, a da apresentação.

2.2 Performance: o dia da apresentação

O coro foi acompanhado por dois violões e um *cajón*², além de um sistema de som para a amplificação dos instrumentos. Na apresentação, observamos as dificuldades técnicas que qualquer grupo coral enfrenta na sua iniciação, como a afinação do conjunto, a dificuldade de dinâmica rítmica e de atender aos comandos de quem regia.

Em contrapartida, a opção por escolher músicas que faziam parte da vivência dos alunos lhes possibilitou executá-las confortavelmente, por saberem intuitivamente os desenhos melódios da composição, embora performance eles “esbarrassem” na falta de uma percepção mais “refinada” dos parâmetros musicais da duração, altura e intensidade.

Nem todos os alunos estavam atentos à importância daquele momento de apresentação de um trabalho musical a uma comunidade como culminância inerente ao “fazer” em Arte. Daí ser relevante vivenciar reflexivamente situações que envolvam performance musical e abstrair delas saberes necessários para a formação nesse campo. Outros alunos já estavam mais envolvidos com o trabalho que iam desenvolver, atribuindo para o momento o grau “certo” de relevância para a construção de uma bagagem cultural sua e da comunidade que os assistia.

As alunas apresentaram maior destaque nos ensaios e na performance final, ao contrário dos alunos, que tiveram muita dificuldade de concentração durante as atividades de preparação. Era comum certa impaciência por parte destes no momento de ensaiar as músicas

² Aumentativo de *caja*, instrumento de percussão de madeira, sobre o qual o instrumentista se senta para executá-lo, percutindo seus lados com as mãos.

quando divididas por gênero. Certa impaciência se refletiu na apresentação, pois as meninas voltaram a ter um melhor desempenho, assim como vinha acontecendo nos ensaios.

As músicas eram compostas de partes A e B, em que a parte B correspondia ao refrão da canção. As composições iniciavam com o conjunto de vozes masculinas e quando a melodia se repetia, ainda antes do refrão, começavam a cantar as vozes femininas, formando um único coro de vozes em uníssono.

Considerações finais

Em escolas de educação básica, por meio da disciplina Arte, mais especificamente do conteúdo musical, tem-se em vista desenvolver conhecimentos musicais, mas também atender a uma necessidade cultural e social de trabalhar em equipe, desenvolver criatividade, senso crítico e capacidade de reflexão sobre a vida, além da busca de fazer arte pela arte e alcançar a fruição, o prazer.

A atividade desenvolvida na Escola Augusto Montenegro faz parte de um conjunto de propostas de ensinar música na prática, com aquelas características. Para tanto, é necessário entender a música como parte importante do cotidiano das pessoas, em suas diversas funções, quais sejam: produção de conhecimento, expressão, socialização, diversão, terapia, entre outras.

Quando o professor de música entra em sala de aula, deve ter consciência de que pelo menos alguma dessas funções já foi vivenciada por seus alunos, que já assistiram a muitas horas de televisão e navegaram outras tantas horas pela internet, e provavelmente já viram “de tudo” nesses canais. A esse professor de Arte cabe estar bem informado sobre o dia

a dia dos alunos para dialogar sobre os diversos assuntos e situações musicais, atento à sua própria participação na formação desses seres humanos, ao longo da vida escolar.

Nossa experiência, aqui relatada, só foi possível graças ao PIBID, que oportuniza o exercício pré-profissional como professor no ambiente escolar, observado os desafios humanos e materiais aí encontrados, que podem inviabilizar algumas ideias de aula. Porém, diante da realidade desse campo de atuação, também podem surgir novas ideias de trabalho que contribuam para tomadas de decisão, superação e crescimento de todos: alunos, professores e comunidade escolar.

Referências

BOZZETTO, Adriana. **Música na palma da mão: ligações entre celular, música e juventude.** In: SOUZA, Jusamara (Org.). Aprender e ensinar música no cotidiano. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção músicas)

BRESSAN, Wilson José. **Educar cantando: a função educativa da música popular.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

CRUVINEL, Flávia Maria. **O ensino coletivo de instrumentos musical na educação básica: compromisso com a escola a partir de propostas significativas de ensino musical.** ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 8., SIMPÓSIO SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA MÚSICA POPULAR, 1., ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 3., 2008. **Anais...** Brasília, 2008.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação.** São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.

MONTANDON, Maria Isabel. **Políticas públicas para a formação de professores no Brasil: os programas PIBID e PRODOCÊNCIA.** Revista da ABEM, v.20, n.28, p. 47-60, Londrina, 2012.



VIII Encontro Regional Norte da ABEM
Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento
Rio Branco, 25 a 27 de novembro de 2014

